

ECONOMIA

ÍNDICE MUNDIAL DA QUALIDADE DAS ELITES

Portugal tem melhores elites do que França ou Espanha

As elites portuguesas estão em 14.º lugar no primeiro estudo qualitativo global sobre este tema, que abrange 32 países, num posicionamento em que o valor das elites económicas nacionais (10.º) sai lesado pelas políticas (25.º), que estão a prejudicar o progresso do país.

RUI NEVES

ruineves@negocios.pt

O que valem as elites portuguesas? Após um primeiro longo ciclo, com a adesão à Comunidade Europeia, em que Portugal convergiu com os seus parceiros da atual UE, seguiu-se o marasmo na sequência da criação da moeda única, tendo mais tarde sido até obrigado a recorrer à ajuda externa. Na média, o país não é competitivo.

Não obstante este contexto económico, as elites portuguesas surgem em 14.º lugar no Índice da Qualidade das Elites (EQx), o primeiro estudo sobre este tema, que abrange 32 países a nível mundial. Num "ranking" liderado por Singapura, Portugal está à frente das restantes nações do Sul da Europa, como Espanha (18.º), Itália (17.º) e França (15.º).

"É um resultado interessante. Subjetivamente, podemos nos imaginar mais próximos de outros parceiros do Sul da Europa, mas, aparentemente, estamos um pouco destacados", realçou, ao Negócios, Cláudia Ribeiro, professora da Faculdade de Economia do Porto (FEP), que, juntamente com o seu colega Oscar Afonso, foi responsável pelo estudo a nível nacional.

Mas quando se dissecou o 14.º lugar de Portugal, num estudo em que foram analisados 72 indicadores, descobriu-se que a pontuação média do país "esconde grandes disparidades" ao nível das quatro áreas do índice – poder económico, valor económico, poder político e valor político.

"Portugal tem, de facto, um

muito melhor desempenho ao nível da capacidade de criação de valor por parte das elites económicas, estando a este nível na 10.ª posição, e muito pior ao nível das elites políticas, em que se posiciona em 25.º", revelou a mesma professora universitária.

A meio da tabela ao nível da corrupção política

"Já em termos de poder político, Portugal está em 11.º lugar, enquanto em termos de poder económico estamos ao nível do posi-

cionamento global [14.ª posição]", adiantou. Curiosamente, até contrariando aquilo que é a perceção geral nacional, no indicador relativo ao nível da corrupção política, que integra a área do poder político – o da regulação da organização do Estado –, "Portugal ocupa o 15.º lugar".

Em jeito de conclusão, Cláudia Ribeiro considerou o resultado alcançado por Portugal "como sendo catalisador de uma nova fase de convergência real de Portugal em relação aos restantes países europeus", a qual, "agora, com esta crise pandémica, sofreu um forte revés", ressaltou.

De qualquer forma, trata-se de um "ranking" que contabiliza apenas 32 países, estando prometido, para janeiro próximo, uma atualização deste índice, "com mais de 100 países e que será objeto de um relatório anual", avançou Cláudia Ribeiro.

Suíça e Alemanha no pódio atrás de Singapura

Com a cidade-estado Singapura a servir de farol neste primeiro índice da qualidade das elites, seguem-se a Suíça, a Alemanha, o Reino Unido e os Estados Unidos, num "ranking" em que estão também países como o Brasil, o Cazaquistão, o Botswana ou a Noruega.

Este Índice da Qualidade das Elites foi desenvolvido por investigadores da Universidade de St. Gallen, na Suíça, em colaboração com uma rede internacional de parceiros e instituições académicas, e será apresentado internacionalmente esta quarta-feira, 2 de setembro, nos diferentes países envolvidos. O parceiro EQx em Portugal é a FEP, que é a responsável pelo tratamento dos dados portugueses e onde decorrerá a conferência de imprensa de apresentação do estudo. ■

14.º

PORTUGAL NO ÍNDICE
O nosso país ocupa o 14.º lugar no primeiro índice mundial que mede a qualidade das elites.

25.º

VALOR POLÍTICO
Portugal surge melhor no indicador do valor económico das elites (10.º) e pior no do valor político (25.º).

32

PAÍSES
O 1.º índice mundial da qualidade das elites conta apenas com 32 países, mas vai ter mais de 100 já em janeiro.



Cláudia Ribeiro é a responsável, juntamente com Óscar Afonso, ambos da FEP,

**CLÁUDIA RIBEIRO RESPONSÁVEL
PELO ÍNDICE A NÍVEL NACIONAL**

“Estamos muito mal na proteção de investidores minoritários”

Com base nos resultados do índice da qualidade das elites, a responsável a nível nacional pelo estudo considera que “é claramente a do valor político que está a condicionar mais o posicionamento” do país.



Paulo Duarte

A qualidade das elites segundo Cláudia Ribeiro, responsável pelo índice sobre este matéria a nível nacional, num trabalho conjunto com Óscar Afonso, ambos professores da Faculdade de Economia do Porto.

A qualidade das elites, sendo um tema bastante recorrente, nunca tinha sido objeto de estudo. Porquê?

Porque é de difícil mensuração, se a perspetiva que tivéssemos que adotar passasse pela identificação individual dessas elites nacionais. E, naturalmente, depois de as identificar, teríamos que medir a qualidade da sua ação. Essa seria, de facto, uma tarefa hercúlea, pelo que acredito que seja por isso que, até ao momento, ainda não tenha surgido nenhum índice com estas características, apesar da importância do tema, precisamente por ser manifestamente impossível identificar todas as elites em determinado momento. E, pior, no momento seguinte provavelmente o conjunto dessas personalidades já seria diferente. É um desafio semelhante ao projeto que o Jornal de Negócios tem atualmente, que designa por “Os Mais Poderosos”...

Como é que o estudo de que foi corresponsável a nível nacional tornou, então, possível a medição da qualidade das elites?

O índice que estamos agora a propor contorna esse problema: em vez de medir diretamente a qualidade de cada uma das elites, o que é impossível de fazer, avaliamos o grau da contribuição agregada para a sociedade, medindo as consequências das suas atuações. É aqui que reside o carácter inovador deste índice. É uma espécie de “ovo de Colombo”.

No contexto do índice internacional que será apresentado esta quarta-feira, o que é que distingue as elites de elevada qualidade das de baixa qualidade?

Chamamos elites de elevada qualidade às que seguem modelos criadores de valor que dão à sociedade mais do que dela tiraram, desenvolvendo atividades produtivas potenciadoras de riqueza. Numa analogia muito visual, que nós utilizamos ao longo de todo o trabalho, se imaginarmos a riqueza de uma nação como uma tarte, as elites de alta qualidade vão desenvolver modelos de negócio que fazem crescer a tarte, enquanto as de baixa qualidade vão desenvolver modelos de extração de valor, estando comprometidas em fazer subir a sua própria fatia na tarte.

Que tipo de modelos de negócio corporizam as elites de baixa qualidade?

Por exemplo, os modelos de negócio baseados em monopólios, em certos subsídios, em tarifas aduaneiras protecionistas, ou até em alguns sistemas de escravidão humanos.

Trata-se de um índice de economia política, com Portugal a surgir em 14.º no conjunto dos 32 países analisados,

mas onde o valor económico das nossas elites (10.º) está a ser prejudicado pela dimensão política (25.º)...

Dentro das quatro dimensões analisadas pelo índice, é claramente a do valor político que está a condicionar mais o posicionamento das nossas elites em termos de nação. De resto, consideramos o 14.º lugar de Portugal como sendo catalisador de uma nova fase de convergência real de Portugal em relação aos restantes países europeus, sendo certo que tinha sido já iniciada antes da crise pandémica, mas que agora sofreu um forte revés.

Mas os efeitos da crise pandémica são globais...

Mas acredito que Portugal esteja numa posição mais sensível, com uma exposição maior às consequências desta crise.

O índice resulta do escalpe de 72 indicadores, entre os quais o da proteção de investidores minoritários. Como está Portugal aqui?

Estamos muito mal – em 25.º. Sabemos de várias situações em Portugal em que estes investidores minoritários estão, de facto, numa situação muito desprotegida face aos principais investidores. ■

“É claramente o valor político que está a condicionar mais o posicionamento de Portugal.”

“Portugal tem uma exposição maior às consequências desta crise pandémica.”